Preço 1$00 — Quinta-feira, 4 de Outubro de 1956 — Ano II - N.º 82

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTI

Exmo. Sr.
Manuel Giraldes da Silva
RIO FRIO

OUTONO

Pontualmente, como um cronómetro, chegou no seu dia 22 do passado Setembro o Outono.

Foi duma pontualidade exuberante, de chuvas abundantes, trovoadas e baixa de temperatura, assim cumprindo seu dever.

Nada temos que obtemperar, visto que não passamos de míseros vermes perante a majestade do Tempo. No entanto, apraz-nos dizer a Sua Majestade que devia também cumprir esse dever em relação ao Verão findo, pois mal o vimos através das intempéries com que nos mimoseou.

Parece-nos, portanto, que Sua Majestade sofre igualmente do destrambelho geral, — o que não está muito certo.

O que está certo, porém, é que nada podemos contra isto e temos que nos conformar.

Estas considerações não passam dum desabafo e, quer queiramos quer não, iremos vivendo consoante as determinações que de lá partirem.

Estamos, pois, no Outono pontual e vamos assistir ao cair da folha, triste e desolador...

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem

II

Crónicas e Reportagens de
Álvaro Valente

Em Coimbra tive uma arrelia.

Esperara ver um amigo, a quem tinha avisado da nossa passagem, e nunca nos avistámos. Enquanto eu o procurava por um lado, procurava-me ele por outro; de sorte que nos desencontrámos de tal maneira que lá se foi o abraço prometido!

Deglutimos dinâmicamente qualquer coisa numa «tasca» próxima e ainda tivemos tempo para, de automóvel, visitar Santa Clara e a célebre Quinta das Lágrimas.

Os dois netos que me acompanhavam pouco puderam ver da nossa linda cidade. Tudo a correr, tudo a correr.

Em Santa Clara, a imagem da Santa, — essa obra magnífica de Teixeira Lopes, tinha mudado da situação antiga e era quase impossível chegar onde actualmente a colocaram, em virtude da grande aglomeração de visitantes.

Na Quinta das Lágrimas lá surgiu o indispensável cicerone, com a velha história dos amores de Inês e do sangue que ali ficou nas pedras... E foi tudo!

Ao chegarmos ao autocarro, já se ouvia outra vez o sacramental: «Vamos embora», e o mesmo corrichar continuou.

De longe em longe a telefonia animava a assistência. Numa certa altura até emitiu o «Fado de Montijo», — o que tínhamos pedido à Emissora em postal e nos fez delirar a todos!

Chegámos ao Porto bastante tarde.

Procurámos a Pensão, jantámos e saímos a deambular.

Pela noite, fomos até a Feira Popular.

De novo, apenas as demonstrações da Televisão. As mesmas barracas, os mesmos retiros, os mesmos furos de chocolate, os mesmos pacotes de milho doce...

(Continua na página 4)

Atenção ao Ensino Primário

I - O problema da obrigatoriedade

Por
VÍCTOR DE SÁ

O ensino primário dá-nos o índice do nível cultural dum povo. Muito mais que o ensino técnico e o ensino universitário. Porque enquanto estes são especializações mais ou menos profissionais, que numa sociedade como a nossa tocam sectores muitíssimo reduzidos da população, aquele, o ensino primário, é, pela sua própria estrutura e extensão, o que constitui a base cultural por excelência.

Tem mesmo em muitos países a designação de ensino de base, e vem merecendo especiais atenções à maioria dos povos que, após a última guerra, se refizeram já dos tremendos golpes materiais sofridos.

A generalização do ensino primário é um fenómeno cultural e social decorrente do Liberalismo. Foi com a entrada em crise da mentalidade feudal que se pôs o problema da necessidade de generalizar à maioria dos cidadãos um mínimo de conhecimentos que lhes permitisse, pelo menos teòricamente, alcançar acesso a

(Continua na página 4)

Um diálogo de café

Por
AMARAL FRAZÃO

Entrei no meu *Café* habitual e sentei-me à mesa do costume. Isto é já um hábito e o homem é um animal de hábitos, como se sabe, e eu mais que qualquer outro, que tomo comigo próprio o compromisso de não faltar a eles.

Não sei, porém, porque carga de água, no meio daquele bulício de *Café*, me lembrei de Platão, um dos mais brilhantes génios da antiga Grécia, e o chefe de uma grande escola filosófica nascida em Atenas algumas centenas de anos antes de Cristo.

Lembrei-me dele, não, com certeza, porque tenha a pretensão de querer ser filósofo, mesmo de trazer por casa, mas talvez porque as doutrinas do grande discípulo de Sócrates ainda hoje, como as de Cristo, exerçam profunda influência no espírito humano, embora os próprios atingidos por essa influência estultamente se julguem a coberto de todas as sugestões.

E estava eu a congeminar em tudo isto, fazendo trabalhar o pensamento, única coisa de que o homem pode livremente dispor, quando o senhor *X*, que naquele momento julgava a algumas léguas de distância, me atira esta pergunta:

— Em que está o meu amigo a pensar, que nem deu por mim?

— Olhe, o meu pensamento estava a fazer uma grande baralhada com Sócrates, Platão, Cristo e outros filósofos que prègaram doutrinas que outros, mais tarde, haviam de chamar suas, enfeitando-se com penas de pavão.

— Bravo, meu amigo — replica *X* — com esta balbúrdia é verdadeiro heroísmo poder juntar-se dois pensamentos de jeito. A república de Platão, com efeito, é a primeira tentativa que se fez no mundo para fundar uma teoria política sobre a filosofia. Afirma Platão, numa das suas obras, que a política é a ciência do justo. A sua con-

(Continua na página 4)

MOTO Jornal
Suplemento Quinzenal de A PROVÍNCIA
Semanário de Informação, Cultura e Recreio
Sob a Direcção de José dos Santos Marques

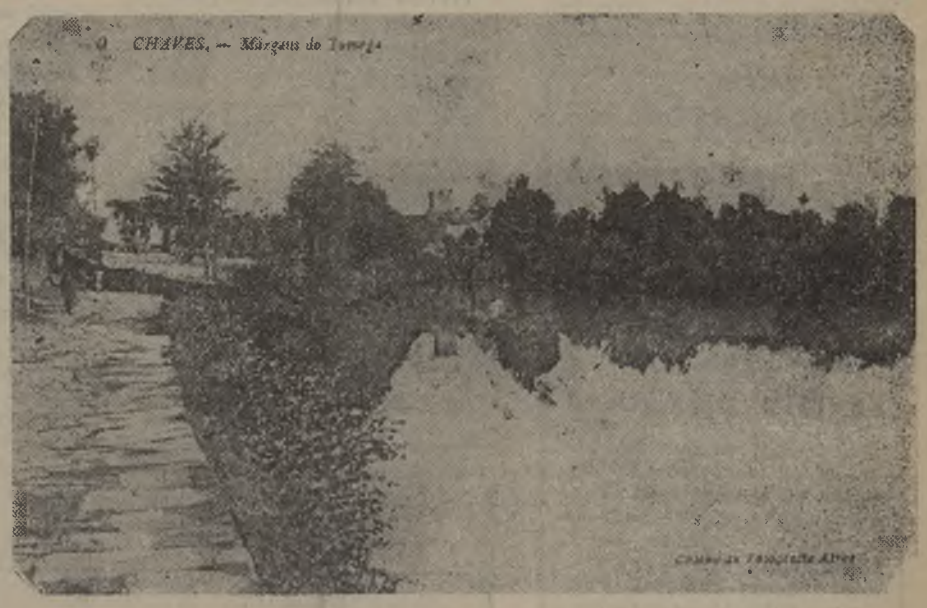
Publicará no próximo número:

COMPLETA REPORTAGEM DO CIRCUITO DE MONSANTO • COMO SE GANHAM PROVAS, um artigo de Afonso Espalha • RESULTADO DO NOSSO CONCURSO QUINZENAL • UM MOTOR CURIOSO • E VÁRIOS ARTIGOS DE INTERESSE

Portugal Pitoresco

Chaves

Margens do Tâmega



Este é o rio Tâmega, que banha e atravessa Chaves, - a Aquas Flavias *dos romanos.*

A cidade dista 10 quilómetros da raia espanhola, 60 de Braga e 340 de Lisboa, e fica na província de Trás-os-Montes.

Possui uma grandiosa ponte de cantaria sobre o rio, com 16 arcos e 150 metros de comprimento, obra dos romanos.

Nas proximidades do Tâmega existe a célebre nascente de águas ferventes, a mais de 10 graus, aproveitadas para o tratamento de doenças reumatismais e de nervos, onde se cozem ovos e depenam galinhas.

Já no tempo da dominação romana, eram as «caldas» muito frequentadas e delas veio o nome à povoação.

As águas contêm enxofre, salitre e pedra hume.

A paisagem, numa chapada com 70 m. de altura acima do nível do mar, é extraordinàriamente pitoresca e surpreendente.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Organizações Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal o programa «REVISTA DESPORTIVA», uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte
Organizações Progresso
Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º
LISBOA

Telefone 026 376
Para boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO

Da Comissão Pró-Praça de Toiros de Montijo

recebemos o seguinte comunicado:

Sr. Director do jornal «A Província»

«O nosso reconhecimento»

Realizou-se na linda Praça de Toiros do Campo Pequeno um festival de homenagem ao grupo de aficionados que compõem a Comissão Pró-Praça de Toiros, de Montijo.

Bem entendido, não seria pelos nossos lindos olhos (como diz o vulgo), mas sim por iniciativa de um Amigo e filho de Montijo que, prevendo nessa homenagem um incentivo de propaganda para a ideia de levarmos a efeito a construção da Nova Praça, diligenciou activamente com a sua influência que essa homenagem nos fosse prestada (ainda que dela não resultasse mais que esse motivo de propaganda) e animar também a Comissão a não desistir da obra a que meteu ombros.

Finalmente, não resultou só em propaganda, como entrou a favor da nossa «Obra» a importância de **18.600$00** (Dezoito mil e seiscentos escudos).

Essa festa, que podemos considerar mais uma das grandes e belas manifestações de vontade que os habitantes de Montijo têm demonstrado sobre a ideia de terem uma praça de toiros, deixou-me deveras sensibilizado e satisfeito pela sua expressiva representação.

Muitas vezes tenho observado a vontade e a *aficion* com que todo este povo fala da festa de toiros e o desejo que tem na realização de tão grandiosa obra.

Nessa noite observou-se bem com que vontade e com que interesse e alegria falavam nessa festa, e a satisfação que mostravam ao verem coroada de êxito a homenagem que era prestada às gentes e iniciativas de Montijo.

Sentiram-se envaidecidos e muito reconhecidos pelo que viram e ouviram do nome da sua terra.

Por tudo isto, também a Comissão deve sentir-se satisfeita e muito grata a todos os elementos que compuseram tão interessante festa, e estou convencido de que poderei juntar ao meu reconhecimento o de todos os que a compõem.

Na Comissão das Festas de S. Pedro encontrou a Comissão Pró-Praça de Toiros as maiores facilidades e boa vontade na apresentação da Marcha dos Pescadores, a quem estamos muito gratos.

Às Direcções, Regentes e Componentes das Bandas 1.º de Dezembro e Democrática 2 de Janeiro, da nossa terra, o nosso maior reconhecimento.

À Câmara Municipal, o nosso grande afecto pela sua representação em Camarote de Honra e ao mesmo tempo o nosso agradecimento pela verba que nos foi oferecida para a ajuda da obra que pretendemos levar a efeito.

Ao Sindicato dos Toureiros Portugueses, o nosso íntimo e cordeal agradecimento pela verba de **3.000$00** (três mil escudos) que nos enviou para o mesmo fim.

À Imprensa local, jornais a «Gazeta do Sul» e «A Província» e a todos os Jornais que se referiram à homenagem que nos foi prestada: — MUITO OBRIGADO.

E por último e em lugar de honra, ao Povo ordeiro, correcto e muito aficionado, que são os habitantes de Montijo, que, com estas demonstrações espontâneas de grande bairrismo, aparece sempre a encorajar e ajudar as boas iniciativas, marcando bem e em letras de ouro as suas manifestações, tão leais como a vontade que tem de que Montijo possua em breve a sua Praça de Toiros.

A todos o nosso reconhecimento pelo que nos fizeram e pelo que nos possam ainda fazer.

Pela Comissão Pró Praça de Toiros
Amadeu Augusto dos Santos

Câmara Municipal de Montijo

EDITAL

Terrenos destinados a urbanização

José da Silva Leite, Presidente da Câmara Municipal de Montijo:

Faz público que esta Câmara em sua reunião de 25 do corrente, tendo em vista evitar prejuízos e situações irremediáveis, deliberou estabelecer o seguinte:

A aquisição de quaisquer terrenos com o objectivo de serem convertidos em áreas urbanas a parcelar, para efeito de construção, deverá ser precedida de consulta ao Município que, para o efeito, através da sua Secção Técnica e técnico urbanista, está demarcando as zonas a urbanizar, de acordo com o ante-plano de urbanização, em estudo.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Montijo, 27 de Setembro de 1956.

O Presidente da Câmara
José da Silva Leite

José Teodósio da Silva
(Herdeiro)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

O que eu sonhei esta noite

Já está há muito demonstrado que o cérebro humano, mesmo profundamente adormecido, trabalha e congemina pensamentos que na sua maioria são disparates sem a menor partícula de realidade; mas por vezes, porém, desarrinca e dá vulto a factos que podem ser aplicados na vida prática.

Isto vem a propósito do meu sonho na noite passada.

Quis a fantasia do meu sonho que eu habitasse numa grande vila do Ribatejo, importante no seu labor industrial, comercial e agrícola, características idênticas às de Montijo, e até como pormenor interessante, os seus naturais são, na sua quase totalidade, aficionados da festa brava, tal qual o povo de Montijo.

Projectava esse bom povo a construção de uma praça de toiros e tinha já constituída, há muito tempo, uma comissão composta de homens de boa vontade que, há anos já, vinham lutando para vencer dificuldades de toda a natureza. Porém, segundo o que sonhei, embora muito demoradamente, foram vencidas todas essas dificuldades.

Era possuidora a Comissão de um projecto já aprovado em última instância, que a todos agradava e era também possuidora de mais de 1.000 contos, destinados à construção da praça.

Embora sonhando, eu congeminava que nada obstava ao início da obra, porque também a referida comissão era possuidora de terreno em local devidamente apropriado e destinado à construção do redondel.

E aqui neste ponto que eu notei uma pequena incongruência no sonho. É neste pormenor que o meu sonho falseia um pouco a realidade.

Seria talvez porque acordei e não poude o sonho ter o seguimento lógico, porque está verificado que em sonhos também existe lógica.

Detentora a comissão de todos estes elementos, porque não inicia a obra? Acordei antes do tempo, com certeza.

Supunhamos que eu continuaria nos braços de Morfeu sonhando; verificaria, com certeza, que a já citada comissão teria um grande carola à sua frente, a quem daria plenos poderes para constituir uma sub-comissão executiva que, sempre de pleno acordo com a grande comissão, resolvia imediatamente iniciar a obra.

A obra se não podesse, ou não conviesse que fosse feita por um construtor profissional, seria feita de conta própria. Era assim que eu gostava que o meu sonho terminasse.

Não concordam que de facto temos sonhos que transportados à vida real, se podem concretizar?

Artur Correia

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

—Dia 25, o menino Carlos Augusto Ferra Coelho, filho do nosso estimado assinante, sr. Augusto António Coelho.

—Dia 27, o menino Alfredo José Dias de Carvalho, neto do nosso estimado assinante, snr. João Nunes de Carvalho.

—Dia 28, a menina Hortense Anaia Pequerrucho, irmã do nosso prezado assinante, Snr. Joaquim Henrique Anaia Pequerrucho.

—Dia 2, o Snr. Fernando Augusto da Silva Vale, nosso dedicado assinante.

—Dia 2, o Snr. Artur Augusto da Silva Vale, irmão do nosso dedicado assinante, snr. Fernando Augusto da Silva Vale.

—Dia 2, o Snr. José Maria dos Santos, nosso prezado assinante.

—Dia 3, a menina Maria dos Anjos Baptista, sobrinha da Snrª D. Rosária Pires Victor e do Snr. José Victor, industrial e nosso estimado assinante.

—Dia 4 o Snr. Manuel José Rocha, marido da Snrª. D. Virgínia Martins Rocha, nossa estimada assinante.

—Dia 4, a menina Maria Manuela Fernandes da Silva, sobrinha do nosso estimado assinante em Portalegre, Sur. Augusto Fernandes.

—Dia 4, o Snr. António Leonardo da Silva, cunhado do nosso estimado assinante em Portalegre, snr. Augusto Fernandes.

—Dia 5, o snr. Augusto Sampaio Gervásio, filho do prezado assinante snr. Augusto Gervásio Jor.

—Dia 5, o snr. Virgílio Martins da Costa J.ºr, nosso dedicado assinante e industrial nesta Vila.

—Dia 6, a menina Maria Tereza Rodrigues Ferreira, neta do snr. António Baltazar Tavares Rodrigues, nosso dedicado assinante.

—Dia 6, a menina Maria Antónia Pereira Nunes, gentil filha do nosso prezado assinante, snr. António Nunes.

—Dia 7, a menina Maria do Rosário de Oliveira Gomes, filha do nosso dedicado assinante, snr. Olívio Gomes.

—Dia 7, o snr. Francisco Gervásio, nosso estimado assinante.

Casamento

Na paroquial igreja dos Anjos, em Lisboa, realizou-se, no passado dia 24, o enlace matrimonial da senhora D. Clarisse Leocádia de Brito Figueirôa, filha do Sr. João Frederico de Brito Figueirôa Junior, antigo escrivão de direito nesta comarca, e de sua primeira esposa, senhora D. Maria Leocádia de Brito Figueirôa, com o Sr. Mateus Gonçalves Gomes, técnico do Laboratório Farmacológico Brasil, filho do Sr. Mateus Gonçalves, já falecido, e de sua esposa a senhora D. Maria das Dores Gomes, proprietária em Albufeira.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seu tio o sr. Arnaldo de Brito Figueirôa, Tesoureiro da Fazenda em Pública em Alcochete e a senhora D. Gertrudes de Carvalho Marques Teixeira, viuva do Sr. Tenente-Coronel António Teixeira, e por parte do noivo seus irmãos, a senhora D. Maria das Dores Gonçalves Neves e o Sr. Manuel Mateus Gonçalves, funcionário corporativo em Silves.

Em casa do tio da noiva foi servido um finíssimo «lunch», seguindo depois os noivos em viagem pelo país.

Na «corbeille» da noiva viam-se muitas e valiosíssimas prendas e foram recebidos muitos telegramas de felicitações de vários pontos do país e da ilha da Madeira, terra da naturalidade da noiva.

Nascimento

Na passada semana esteve em festa o lar do nosso prezado assinante, sr. José Gouveia Martins, jogador do «Benfica», e de sua esposa, D. Argentina Martins, com o nascimento duma linda filhinha.

Os nossos sinceros parabéns.

As três aspirações do Afonsoeiro

No passado número de «A Província» fizemos referência àquelas três aspirações da populosa localidade: as águas inquinadas, a falta de iluminação do Mundet ao Afonsoeiro, e o ensino primário para além da 2.ª classe.

Julgamos não ser demais voltar aos assuntos, tanto mais que constavam da reportagem da sessão solene comemorativa do 7.º aniversário da Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense, e assim tão pouco destacados nesse lugar que podiam passar despercebidos.

Efectivamente, as três aspirações são tudo quanto há de mais justo, e sentimo-nos perfeitamente à vontade para as apoiar.

A primeira, de natureza higiénica e sanitária, impõe-se imediatamente, pois a sua não solução pode ocasionar uma grave epidemia, que já o ano passado deu os seus sintomas.

A segunda, bastante moralizadora, explica-se e recomenda-se pela necessidade de evitar cenas desagradáveis que já ali se têm dado, em virtude dessa falta de iluminação.

A terceira, notável desejo de progresso e de maior instrução, está no espírito de quantos são apologistas da cultura popular.

Temos a certeza de que o sr. Presidente da nossa Câmara, que sempre tem demonstrado a sua grande vontade em atender as causas justas, irá proceder de molde a corresponder às qualidades generosas e humanas de que já deu sobejas provas.

«A Província» assim o espera e não se afasta desta convicção.

Concurso Hora Feliz

O relógio deste Concurso, promovido pela Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, em Montijo, foi aberto na nossa redacção no dia 27 de Setembro, pelas 12 horas.

Parara nas

10 horas e 18 minutos.

A feliz premiada foi a sr.ª D. Arlete Carreira, moradora na rua Manuel José Nepomuceno, 57, em Montijo.

Ainda se pode inscrever.

Não vê todas as semanas os prémios que se sorteiam?

Vamos. Resolva-se.

Inscreva-se no

CONCURSO HORA FELIZ!

Juiz da nossa Comarca

Retomou o serviço da Comarca, no dia 1 do corrente, o nosso meritíssimo Juiz, Dr. José Maria Pereira de Oliveira.

Damos esta notícia com a maior satisfação e regozijo, pois nos traz a certeza do seu restabelecimento.

Cumprimentamo-lo afectuosamente e desejamos-lhe a melhor saúde e felicidades.

A hora de inverno

A's 3 horas da madrugada, do dia 7 de Outubro, os relógios serão atrasados 60 minutos, entrando-se assim na hora de Inverno.

Missa de Acção de Graças

No dia 1 de Outubro celebrou-se na Igreja do Divino Espírito Santo, missa em acção de graças por alma do Reverendo padre Cruz, mandada rezar por Mariana da Piedade Ferreira, de Montijo.

DESASTRE DE VIAÇÃO

No dia 1 do corrente, na estrada da Atalaia, deu-se um desastre com o nosso prezado assinante, sr. João Esteves de Oliveira, que poderia ter graves consequências mas de que, felizmente, nada resultou de mal para a sua saúde.

Foi o caso que o seu automóvel derrapou e se voltou de rodas para o ar, tornando-se até difícil a sua saída de sob o veículo.

O carro ficou bastante danificado; mas aquele nosso assinante apenas sofreu o susto.

Cumprimentamo-lo e felicitamo-lo pela forma como o desastre decorreu.

Agradecimento

Joaquim da Silva

Viuva, filhos, genros e irmã agradecem a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada, seu saudoso marido, pai, sogro e irmão; fazendo-o por este meio por desconhecimento de moradas.

5 de Outubro

Preparam-se para amanhã várias comemorações do 46.º aniversário da República.

Haverá girândolas de foguetes e morteiros, bandeiras ao alto nos edifícios públicos, das colectividades e particulares, concerto e saída da Banda Democrática 2 de Janeiro, cumprimentos às autoridades, iluminações, etc..

A vila de Montijo não esquece, portanto, as tradições e o que deve ao seu passado.

A exemplo doutras terras, assim manifestará a sua fidelidade ao regime e às instituições vigentes.

Ensino Primário

—PROFESSORA diplomada aceita alunos. Nesta redacção se diz.

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Sarilhos Grandes

Uma Filarmónica sem corêto... ou uma birra sem explicação

Todos os dias, ao sair de casa, se me depara com bastante mágoa o antigo coreto, que me faz lembrar os velhos castelos em ruínas, — coreto que foi contruído com os denodados esforços do Povo desta freguesia.

Por ordem de alguém, que desconheço, foi mandado demolir, a fim de ser substituído por um outro que dizem ser melhor, demolição essa que ficou em meio. Já lá vai um bom par de meses e não há quem procure resolver este problema, que tanto prestígio tira à freguesia, uma vez que o triste espectáculo se apresenta na praça principal.

Segundo me consta, há dinheiro, materiais e a célebre boa vontade do Povo para ajudarem a construir o novo coreto. Não será tempo, portanto, de os responsáveis acabarem com as *birrinhas*?

Para estes lamentáveis factos, chamo a atenção de quem de direito. — (C.)

Um caso de consciência e de humanidade

A semana passada faleceu nesta vila Maria Luísa, de 34 anos, que morava na Rua José Joaquim Marques - 228, deixando na orfandade quatro filhos, três meninas e um rapaz.

A mais nova dessas crianças tem dois anos e a mais velha onze.

O pai está na cadeia, e, mesmo que não estivesse, pouco ou nenhum caso faria dos filhos...

A miséria é extrema. As quatro criancinhas estão entregues a uma tia, também pobre, que não pode substituir a mãe...

E as quatro infelizes crianças passam necessidades e vivem ali para o Afonsoeiro, num casebre qualquer, sem confortos e sem carinhos de ninguém.

Não haveria possibilidade de as autoridades intervirem e conseguirem o internamento das quatro abandonadas crianças, num estabelecimento próprio e condigno?

Que culpa têm as quatro infelizes dos crimes dos pais?

É um caso de consciência e de humanidade que se impõe.

Se a Casa da Criança já fosse um facto na nossa terra, temos a certeza de que interviria e o assunto seria resolvido imediatamente, com aquela urgência de que necessita.

Mas, mesmo assim, não haveria maneira de a sua Comissão intervir e de qualquer forma minorar a situação dos quatro desgraçados inocentes?

Apelamos para as almas boas, para todas as almas, a fim de se remediar uma situação que nos deprime e até nos envergonha.

Que não falte na sua mesa o café de

«A JAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102

Telef. 22722

Enviam-se encomendas para a província

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira,	4 —	*Montepio*
6.ª-feira,	5 —	*Moderna*
Sábado,	6 —	*Diogo*
Domingo,	7 —	*Giraldes*
2.ª-feira,	8 —	*Montepio*
3.ª-feira,	9 —	*Moderna*
4.ª-feira,	10 —	*Diogo*

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 4; O emocionante e movimentado *filme* francês «Vidas à Margem», com «Tótó a Cores».

6.ª feira, 5; O *filme* em Tecnicolor do oeste, «Tudo por tudo» com «Aves de Rapina», no programa, Revista Paramount.

Sábado, 6; «História Parisiense» com «Quero Viver» no programa, Imagens de Portugal.

Domingo, 7; O *filme* em Cinemascópio da Metro «A Casaca Vermelha» com variados complementos curtos.

2.ª feira, 8; Um dos recentes êxitos da série sentimental do Eden «Vila Borghese» com «Quando a noite Morre».

3.ª feira, 9; O extraordinário *filme* policial da Metro, com, Robert Taylor e George Raftt. «Pecado e Redenção», no programa. A viagem de S. Ex.ª o Presidente da República às nossas províncias ultramarinas.

4.ª feira, 10; «O Incógnito» com «Barreira Sonora».

5.ª feira, 11; Um programa mexicano, «Mulher X» com «Uma noite no Rio».

ATENÇÃO

Em virtude da mudança de hora os espectáculos a partir de Domingo 7 do corrente terão início 21 horas.

CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 4; (Para 18 anos) Novamente o grande *filme* português que no teatro foi um êxito, e no cinema um sucesso, «Agora é Que São Elas». No programa, o *filme* de aventuras entre índios e brancos, «Rio de Massacre».

6.ª feira, 5; (Para 18 anos) O *filme* de acção com Humpherey Bogart e Gina Lollobrígida, «O Tesouro de África», como complemento, «Paixão de Toureiro».

Sábado, 6; (Para 18 anos) o drama de mistério, «Tragédia na Cidade», com Ginger Rogers e Renald Reagan, e como complemento, «Destinos Opostos», com Allan Ladd e Virginia Mayo.

Domingo, 7; (Para 13 anos) O famoso *filme* histórico, em Cinemascópio, com Betty Davis, «A Rainha Virgem».

2.ª feira, 8; (Para 18 anos) O drama de amor e duelos, «A Espada Vingadora», e como complemento o *filme* de aventuras, «Os Revoltados».

3.ª feira, 9; (Para 18 anos) Uma alta comédia dramática, com Vittorio de Sicca e Sabú, «Bom Dia, Elefante», e como complemento, o extraordinário drama já conhecido do público, «Uma Carta ao Amanhecer».

4.ª feira, 10; (Para 18 anos) Um *filme* policial de *suspense*, com Jonh Payne, «O Crime da Rua 99», e o grande *filme* com Gary Cooper, «O Combóio Apitou 3 Vezes».

Compra-se

—MORADIA no Montijo. Tratar na Rua da Bela Vista, 17 - Montijo.

Aluga-se

—CASA com 9 divisões, 1.º andar, renda 500$00. Informa-se neste Jornal.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

POR TERRAS GALEGAS

(Continuação da primeira página)

Além das vistas nocturnas do Douro, nada mais se podia mostrar aos rapazes. Talvez na volta...

A noite, porém, ia adiantada e havia que recolher.

No dia seguinte, manhã cedo, lá estávamos na Praça de Lisboa para seguirmos viagem.

Tomámos o pequeno almoço na Póvoa e fomos almoçar a Viana do Castelo.

Aqui nos esperava outro amigo,— José Fernandes de Sousa —, que não se desencontrou de nós e em casa de quem almoçámos em doce e alegre convívio.

Ainda pudemos subir a Santa Luzia, donde se disfruta um dos mais belos panoramas de Portugal.

Despedimo-nos da família Sousa, — dessa casa cheia de amigos sinceros —, e partimos para Espanha.

É evidente que era essa a nossa maior preocupação. A novidade, o imprevisto, o desconhecido, é sempre o que mais nos acirra o apetite...

Em Valença, tivemos a costumada paragem na Alfândega.

Já vemos Espanha do outro lado, de que nos separa o rio Minho e a ponte internacional.

E enquanto esperamos longos tempos, vemos passar automóveis de estrangeiros que não demoram mais que minutos... É que somos portugueses e ainda estamos no nosso país.

Finalmente, lá nos despacham dos «vistos» e mais «vistos» e lá partimos.

A meio da ponte, onde termina a jurisdição portuguesa, toda a assistência fala espanhol «mascavado» e solta *olés* de satisfação.

Entramos em «terras galegas» e já nos sentimos impregnados do ambiente castiço que se evola das coisas, dos lugares, dos objectos, de quanto se aproxima.

Nova paragem na *aduana* espanhola.

Aqui, são mais rápidos, mais expeditos. Só o tempo de tomar *una gaseosa* e trocar as primeiras impressões com *nuestros hermanos*.

E vamos para Vigo.

A alegria *a bordo* é cada vez maior, sobe de ponto.

Canta-se, batem-se pandeiretas, saúdam-se as povoações por onde passamos com frases «atropeladas», ãtiram-se adeuses às *niñas guapas*, soltam-se «risadas de cristal». A confraternização é, então, uma realidade. Já todos nos conhecemos, já todos fraternizam e riem como se duma grande família se tratasse.

O sr. Cabrita, — o organizador —, vai radiante! Corre tudo pelo melhor e sem o mais leve incidente desagradável. A viagem vai ficar histórica e nunca mais esquecerá aos que nela tomaram parte.

Pela tarde, entramos em Vigo.

O autocarro pára na avenida marginal, Montero Rios, frente à Pensão Pajariño, — estabelecimento *rodeado de los principales Consulados, con vistas al mar* —, onde *desembarcamos*...

(Continua)

Um diálogo de café

(Continuação da primeira página)

cepção de justiça era, na verdade o princípio fundamental da sua moral e da sua política. Era um idealista desinteressado, como tinha sido Sócrates e como mais tarde Cristo havia de ser.

— Quer dizer — retorqui — Platão antecipou-se em milhares de anos a reivindicações sociais que a sua época não compreendeu, nem mesmo como aspirações. Chamaram-lhe o *divino*, mas aniquilaram-lhe a obra. Cristo também amou os homens, mas não deixou de ser crucificado por eles. A Humanidade é assim, foi sempre assim. Os que querem o seu bem são as suas primeiras vítimas.

O senhor *X* concordou. Bebeu umas goladas de excelente café e foi-se. Eu fiquei. Fiquei para observar-me, observar os muitos que ficaram, e continuar a pensar nos grandes apóstolos do bem e do justo, cada vez mais afastados desta época emaranhada e maléfica que um dia — é a minha esperança — será libertada e redimida.

Pastor

O meu rebanho está velho...
E já foi tão luzidio
Como um espelho!

Via-me nele vaidoso
E nele me confundia,
De modo que nem parecia
O seu pastor:
Era o sonho e o sonhador...

Agora vou pelos prados,
Guardando o meu rebanho
Feito de sonhos cansados.

Custa-me tanto guardá-los,
Que às vezes quero deixá-los
Pelo caminho.

— E então procuro a sombra
Dum velho tronco sózinho...

Nazaré **José Soares**

Faleceu o grande actor

ALVES DA CUNHA

Em Lisboa, depois de prolongada e martirizante doença, faleceu um dos maiores valores do Teatro Português: Alves da Cunha.

«A Província», que tem por tema a Cultura, não pode ocultar a sua mágoa pelo desaparecimento do ilustre actor, pois que devotadamente ele se consagrou, toda a sua vida de artista, à expansão cultural do povo por intermédio do Teatro.

O seu talento colocou-o na primeira plana das fileiras teatrais, e as suas criações ficarão para sempre na galeria gloriosa dos intérpretes portugueses, que às obras dos grandes escritores dramáticos deram surpreendente realce.

O Teatro Nacional está de luto; mas de luto estão também todos quantos tiveram a dita de observar a sua maravilhosa arte através das peças que representou.

Pertencia aos restos dessa pleiade formidável que há cinquenta e quarenta anos encheu o nosso Teatro de fúlgidos clarões. E agora que mais este se apagou nas trevas da Morte, sentimos a dolorosa verdade que resulta da observação actual sobre a cena portuguesa.

Desapareceu Mestre Alves da Cunha. Ficou de luto a Arte, — a suprema Arte; ficaram de luto os portugueses que ainda a amam com entranhado afecto; mas ficou, principalmente, de luto o Teatro Português.

Pêsames a sua Ex.ma Esposa, — a ilustre actriz Berta Bívar, a sua Ex.ma Família, e a todos nós.

Atenção ao Ensino Primário

(Continuação da 1.ª página)

estádios mais desenvolvidos de cultura. Assim como abriu acesso ao poder, à burguesia até então esmagada pelos acanhados quadros feudais, o Liberalismo também instituiu o princípio dum mais largo recrutamento para o preenchimento dos quadros culturais. Foi com o Liberalismo que cessou o ensino monástico e se iniciou o ensino público oficial.

Com a Revolução do nosso século, decorrente da revolução industrial do fim do século passado, o problema do ensino público oficial estruturou-se definitivamente em todos os países civilizados do Mundo, desdobrando-se, esquemàticamente, em três fases: o ensino primário ou elementar, o ensino médio ou secundário e o ensino universitário ou superior. O ensino técnico e profissional ora se situa na segunda, ora na terceira fase dos estudos. Depende isso, entre nós, da condição económica, isto é, conforme os estudantes são recrutados nesta ou naquela camada social, assim têm acesso — pelo menos teoricamente — a este grau secundário ou àquele grau superior do ensino, mantendo-se assim, através das gerações, uma certa estabilidade da estrutura social.

Mas o ensino primário, esse é, por força das circunstâncias económicas e sociais do nosso tempo, um ensino imprescindível e obrigatório para todas as crianças de todas as regiões do país e de todas as camadas sociais. Teoricamente, a sua obrigatoriedade já foi decretada há muito; a implantação do regime republicano deu a este ensino básico e fundamental, para um povo que queira erguer-se ao estádio superior de democracia, a mais decisiva estruturação, tendo criado, além duma ampla rede de escolas urbanas e rurais, as escolas móveis, as escolas primárias superiores e as escolas infantis. Mas a tradição perdeu-se. E, embora teoricamente, a obrigatoriedade do ensino primário sempre se tenha mantido, todos sabemos que só há uns dois ou três anos atrás se acordou, com o sobressalto próprio dos estremunhares inquietos de verificar o terrível prejuízo que advinha da não observância efectiva da obrigatoriedade instituída na lei. A taxa de 40% de analfabetos é a mais eloquente demonstração daquele profundo adormecimento em que se caíra.

O ensino primário elementar, agora, procura-se que seja efectivamente obrigatório. Nunca é tarde para corrigir um erro. Mas tem de se prestar atenção ao que é entre nós o ensino primário. Embora este abranja um período de quatro anos, entre os 7 e os 10 anos das crianças portuguesas, o período obrigatório é só de três anos, isto é, abrange apenas as 1.ª 2.ª e 3.ª classes. Feito o chamado exame do 1.º grau, nenhuma criança portuguesa é obrigada a ter mais instrução.

O que é a instrução do 1.º grau? O âmbito deste ensino cabe em três simples palavras: — *ler, escrever e contar*. Ora, sem já querermos analisar o que as nossas crianças ficam aptas a ler, as oportunidades que tem para escrever e como escrevem e aquilo que podem contar e como contam — isto é, mesmo tomando como bem aprendido esse mínimo que a lei determina que as crianças portuguesas aprendam — isso não chega a constituir o que se possa considerar uma base de conhecimentos. E' apenas uma técnica elementar necessária para fazer a aprendizagem de conhecimentos. Ler, escrever e contar poderia ter sido o bastante há cem anos atrás, ou antes ainda, no tempo do Marquês de Pombal, quando um liberalismo em desenvolvimento rompia com a tradição feudal, debatendo-se porém num quadro ainda de economia agrária. Mas hoje, estamos já em plena fase de industrialização, mesmo dos processos de cultura agrícola. E além de que estamos em plena fase industrial, estamos já entrados — o que é muito mais — na era de produção atómica. E se isto de produção atómica é uma expressão que para a maioria dos portugueses não tem qualquer significado, porque vivem arredados dos problemas fundamentais do nosso século, nem por isso devemos deixar de considerar e discutir tais problemas, se é que nos mantemos orgulhosos da nossa existência como país independente.

Em próximo artigo desenvolveremos este ponto das implicações da civilização industrial na estrutura e organização do ensino primário oficial.

Víctor de Sá

De volta a Portugal

De regresso dos E. U, da América do Norte, chegou a Lisboa o nosso distinto colaborador Dr. Ramiro Ferrão, ilustre médico veterinário, a quem o nosso jornal deve a gentileza das suas crónicas e artigos sobre Suinicultura.

«A Provincia» apresenta ao ilustre colaborador os protestos da sua gratidão e cumprimenta-o afectuosamente no momento da sua chegada a Portugal.

Olha a tua Saúde...

O Fígado e suas doenças

(Compilado dos livros do professor Nicola Capo)

II

Pelo fígado se neutralizam e se purificam todos os alimentos. A alimentação, portanto, é a base dum bom funcionamento dessa glândula. Quem beber álcool em demasia, comer carnes em excesso, produtos adulterados ou incompatíveis, não pode viver com saúde e concorre para a cirrose biliar.

A cor do rosto torna-se amarelada, as faces negras, esverdeadas, aproximam-se os cálculos, a retenção biliar, a seguir a icterícia.

Vamos resumir as doenças provenientes dessa má alimentação, descrevendo-as para identificação individual:

Congestão do fígado, pancreatite, hepatite, cirrose, atrofia aguda, fígado gorduroso, degeneração gordurenta do fígado, degeneração amiloide do fígado, cancro do fígado, cálculos biliares e cólicas hepáticas, icterícia.

Congestão do Fígado: — Várias causas provocam esta enfermidade, entre as quais a acumulação de substâncias estranhas, alterações dos tecidos, ou desarranjos funcionais, provenientes de lesões do coração, doenças pulmonares, prisão de ventre, hemorroidal, etc.

A cintura apertada por espartilho ou cinta pode também produzir esta congestão. MAS A CAUSA PRINCIPAL DA CONGESTÃO DO FÍGADO CONSISTE NO COMER E BEBER MUITO ÀS REFEIÇÕES E NA FALTA DE EXERCÍCIO.

Os sintomas são: dores na própria região, crises que aumentam de duração e de intensidade e que podem levar o mal até a icterícia.

Pancreatite: — O pâncreas é a glândula que se encontra na parte esquerda do organismo, na mesma direcção do fígado, e que segrega o açúcar para a digestão das gorduras, farináceos, e alimentos azotados (carnes, etc.).

Com a fadiga consequente do excesso de carnes, produtos em conservas, gorduras, queijos fermentados, mariscos, etc., essa glândula inflama-se por vezes. O sangue envenena-se e vê-se sobre a pele, que empalidece, principalmente nas mãos e no rosto, manchas encarnadas, escuras e amarelas. Segue-se a falta de apetite e o mal estar geral. Nestas circunstâncias, o indivíduo vai a caminho das doenças infecciosas, visto que perde as principais defesas do sangue com a perca dos *fagocitos*.

(Continua)

Os «Ladrões» do Suinicultor

Pelo Prof. Fred Hale — Texas A. E. M. College (U. S. A.)

Nota do tradutor

O Professor Fred Hale é uma das maiores autoridades americanas no campo da suinicultura. Os seus trabalhos são citados pelos melhores autores de obras sobre criação de suínos e de nutrição animal. As últimas recomendações sobre as necessidades nutritivas do porco, publicadas pela National Academy of Sciences dos E. U., referem-se a três das suas mais importantes investigações hoje clássicas em matéria de alimentação racional desta espécie doméstica: «A Relação da Vitamina A e da Anoftalmia no Porco»; «As necessidades de Vitamina A por parte do Porco» e «A Relação entre deficiência materna de Vitamina A e a Microftalmia dos Leitões».

Estes dois últimos foram, pela sua importância, publicados em separata pelo «Jornal Americano de Oftalmologia» e pelo «Jornal da Associação de Medicina do Texas».

O Professor Fred Hale prestou-se espontâneamente a colaborar em «A Província», no decurso de uma conversa que com ele tivemos durante a qual a sua atenção foi chamada para um exemplar do nosso jornal que naquele momento segurávamos.

O artigo que imediatamente nos entregou, pertence pelo seu estilo simples e elucidativo ao tipo dos correntemente utilizados pelos Serviços de Extensão dos Estados Unidos e, nas suas linhas gerais, é aplicável às nossas condições de exploração.

Parece-nos que a «A Província» só tem que honrar-se com esta prova de atenção por parte de uma autoridade de renome internacional, no campo da suinicultura.

R. Ferrão
Médico Veterinário

Se por noite escura um salteador entrasse na sua propriedade e lhe roubasse a sua melhor porca de criação ou uma dúzia de bons alfeires, você não perderia tempo a procurar-lhe a pista e a levá-lo perante a justiça segundo as leis do país.

Contudo, não é este tipo de gatuno que mais prejuízos causa na sua exploração. Outros há, de aspeito diferente e melhor mascarados, que lhe roubam o produto do seu trabalho a todas as horas do dia e da noite. Quem são eles? Vamos a ver:

Primeiro ladrão: O porco de má qualidade.

Não pode haver lucro quando uma exploração está utilizando animais de qualidade deficiente. Há que seleccionar porcos do tipo conveniente e de conformação correcta, capazes de conseguirem substanciais ganhos diários de peso, em relação à comida que consomem.

Escolham-se, pois, animais compridos, de papada pequena, perna e lombo bem desenvolvidos, flancos profundos de largura uniforme desde a pá até à perna. Em geral este tipo de porco apresenta um bom desenvolvimento de carne quando abatido aos 100 kilos de peso vivo, aproximadamente.

O porco de carne, isto é, de carcassa com pouca espessura de toucinho, é o mais rendoso e pode-se obter a partir de qualquer raça das actualmente existentes, desde que seja racionalmente alimentado e seleccionado a partir de progenitores, com as características desejadas, ou ainda melhor, capazes de as transmitir à descendência.

O varrasco desempenha neste processo um papel importantíssimo, porquanto pode padrear mais de 160 porcos por ano. Há, pois, que cuidar da escolha do varrasco, comprando-o a criadores que possuam registos garantidos.

(Continua no próx. número)

Publicações Recebidas

— **Boletim do Porto de Lisboa** — N.º 66 — Julho.

Director Dr. Raúl Humberto de Lima Simões — Cais do Sodré — Lisboa.

O sistema portuário da capital, seu movimento marítimo, clima, história antiga, legislação vária, tarifário do porto de Lisboa, transcrições e referências da imprensa, — eis o sumário deste número do mês de Julho.

Por ele se conclui a importância da publicação e dos assuntos aí tratados.

Muito e muito obrigados pela remessa de mais este exemplar.

— **Revista Portuguesa de Seguros** — série N.º 6 — meses de Maio e Junho.

Director, proprietário e editor: Luís da Costa Santos — Lisboa.

Revista da especialidade, — especialidade que o seu Director conhece como poucos —, impõe-se pela bela apresentação e dignidade dos assuntos observados.

Também a campanha agrícola do ano corrente mereceu a atenção desenvolvida de interessantes comentários e estatísticas, — a fls. 19 deste número, — o que é muito louvável e interessante.

Além do inestimável serviço prestado à indústria seguradora, agrada-nos sobremaneira a forma criteriosa e inteligente como tudo se encontra disposto no número em referência.

Muito agradecidos pelo exemplar remetido a esta redacção.

— **Boletim de Informações do Secretariado Nacional da Informação** — *Lisboa.*

Recebemos os n.os 871, 872, 873 e 874, repletos de altos e transcendentes estudos.

Todos os números do maior interesse e importância.

— **Aqui, Lisboa,** — do Serviço Ultramarino da Emissora Nacional de Radiodifusão — *Lisboa.*

Verão de 1956!

Quem o dera...

Simplesmente simbólica essa advertência!

Como sempre admiràvelmente escrito e ilustrado.

Páginas turísticas, páginas de soberbas gravuras!

«Aqui, Lisboa», lê-se e percorre-se com o maior agrado.

Muito reconhecidos pela distinção da oferta.

Chávenas de café quase amargo

Pelo Dr. Cruz Malpique

Coragem das três da madrugada

Há atitudes de coragem que podemos considerar filhas do clima psicológico em que as tomamos.

Não tivéramos nós testemunhas presenciais, e talvez nos recolhêssemos à concha do medo ou da timidez. Porém, para darmos uma satisfação ao mundo que nos observa, praticamos incríveis actos de heroísmo.

«A verdadeira coragem — dizia Napoleão — é a das três da madrugada». Queria ele insinuar que a essa hora, sem testemunhas espevitadoras, é que nós nos apresentamos tais quais somos.

Criança, pai do homem

Na criança, em pedagogia, não devemos procurar o homem feito. Há que tratá-la como quem é, e nem mesmo como homem-miniatura. A criança é um ser *sui generis*, ser em evolução, em *devir*, e é por esse lado dinâmico que importa olhá-la.

Educação infantil desarticulada deste ponto de vista, está naturalmente talhada para o insucesso. Deixemos que a criança seja criança, que viva a sua vida de criança sob todos os aspectos: fisiológica, psicológica e moralmente. *Laissez mûrir l'enfance.*

Só dessa maneira é que ela será o verdadeiro pai do... homem.

Sociedade Electrificadora Tejo, Lda.

Rua Almirante Cândido dos Reis, 18 -- Telefone 026084 -- MONTIJO

Não compre sem consultar os seus preços:

Grande variedade de:
LUSTRES — CANDIEIROS

FOGÕES ELÉCTRICOS
desde Esc. 95$00

Ferros - Torradeiras - Ventoinhas - Termo-acumuladores - Aquecedores Eléctricos - Aspiradores - Enceradoras e Descansos automáticos.

OSRAM
a melhor LÂMPADA

TODO MATERIAL ELÉCTRICO
De fios a cabo armado

MOTORES ELÉCTRICOS
Grupos Moto-Bombas e Automáticos

BATERIAS E PILHAS TUDOR

Representantes de Rádio e Televisão
MARELLI -- AGA -- GELOSO

Representantes exclusivos da melhor panela de pressão: PRESTIGE

Encarrega-se de trabalhos de montagens de instalações eléctricas, água e gás

Grandes facilidades de pagamento

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 2 - Juventude, 0

As equipas alinharam:

Montijo — Redol; Anica e Caixeirinha; Neto, Barragon e Serralha; Fábregas, Veredas, José Paulo, Mora e Ernesto.

Juventude — Rogério Contreiras; Canhão, Casimiro e Pico; Sebastião e Toupeiro; Gonçalves, Caeiro, Simões, Viegas e Caraça.

Campo: Luís de Almeida Fidalgo — Montijo.

Árbitro: — Jaime Pires, de Lisboa.

Logo de início o Desportivo mostrou nítida superioridade, obrigando o guarda redes dos visitantes a defesas de recurso.

Dominando assim fortemente, o Desportivo manteve os visitantes sempre atrasados da sua baliza, onde chegavam de fugida e sem perigo para Redol.

Decorridos quinze minutos, ainda o marcador se encontrava em branco, quando Ernesto, da entrada da grande área, despediu um fortíssimo remate, sem defesa possível.

Mais adiante, próximo ao fim da primeira parte, Neto marcou um livre por alto e com boa conta, o qual Fábregas finalizou com um pequeno toque de cabeça.

A um minuto desta parte, Caraça, do Juventude, foi expulso do campo.

Tudo fazia prever uma vitória mais ampla para o Desportivo; no segundo tempo, porém, este deminuiu a velocidade do jogo, tendo até os visitantes boas oportunidades de marcar a seu favor, o que não aconteceu, certamente, quer pela hesitante pontaria dos seus avançados, quer pela excelente exibição de Redol.

E assim terminou o prélio, com o *score* indicado.

No Desportivo distinguiram-se Redol, Neto, José Paulo; no Juventude, apenas Rogério, pois o resto da turma actuou de forma irregular.

A arbitragem sem novidade de maior.

E tal como dizíamos no encontro anterior, o Desportivo subiu na classificação, ficando actualmente em segundo lugar.

E nada de desânimos.

A bola continua a ser redonda e a *sorte* não há-de ser sempre adversa...

Prevemos que as coisas seguirão pelo melhor, pois todas as possibilidades se inclinam para o nosso lado.

João di cá

Resultados do passado Domingo

Torneio Regional de Reservas

Sesimbra, 0 - Montijo, 0

No próximo domingo:

Montijo - Seixal

Campeonato Distrital de Júniores

Montijo, 3 - Luso, 0

No próximo domingo:

Moitense - Montijo

Moto Clube de Lisboa

(Delegação de Montijo)

Senhor Director do jornal «A Província»

Cumprindo a minha promessa, eis aqui mais algumas palavras sobre desportos motorizados, na sua atraente modalidade do motociclismo.

Para eficiente propaganda, nada há de melhor do que a exemplificação; e, por isso, estas linhas gentilmente postas ao serviço do desporto, pelo senhor Director do Jornal «A Província», vão tentar descrever o mais resumidamente possível, o que foi o Rally de Domingo dia 19. Agosto, em Setúbal.

Em primeiro lugar, quero vincar uma nota triste: fui eu o único concorrente desta populosa vila, onde não faltam excelentes máquinas e ainda melhores condutores. No entanto, fiz o que pude.

A estrada, cheia de curvas e por isso obrigando a maior perícia da parte dos concorrentes, sobretudo no troço entre Sesimbra e Arrábida, prestava-se magnìficamente à exibição das qualidades de sangue frio e de habilidade da parte dos concorrentes, mais vincada ainda, porquanto o movimento de veículos, visto ser dia feriado, tornar o trânsito mais dificultoso.

Quanto maior é o perigo, em desporto, mais os seus adeptos o procuram, numa emoção cada vez mais crescente, porque o homem quer dominar a máquina e os riscos, embora com sacrifício de vidas bem preciosas; e, quando ao fim esse perigo fica vencido, a vitória tem um sabor especial que só os corredores participantes de circuitos perigosíssimos sabem devidamente apreciar, sentindo-se semi-deuses entre o público que os aplaude.

Embora o Rali de Setúbal não fosse uma dessas provas arriscadas, exigindo uma coragem sobrenatural, o certo é que teve fases marcantes de emoção, motivadas no percurso e nas condições de trânsito, e até no auxílio prestado por populares, entusiasmados, e que se fixavam nas curvas mais difíceis, transformados em voluntários benfazejos e simpáticos sinaleiros.

Só um acidente se registou, felizmente de poucas consequências, com o concorrente Fernando Espirito Santo, que sofreu algumas escoriações.

Foi digno de aplauso a brilhante participação dos motociclistas Ciordano Ferreira e Víctor Névoa.

Quanto a mim, fiz o melhor que pude e sabia, mas um erro no percurso a seguir, e outro na prova de travagem, fizeram-me perder 300 pontos, inutilizando o excelente tempo que fizera nas médias entre os postos de *controle*, onde cheguei sempre dentro das horas estabelecidas para tal.

Finalmente, porque não tenho o direito de me alongar mais, e nem cheguei a tratar o que desejaria, quero informar os desportistas de Montijo, que estou organizando um Rali a esta simpática vila, com algumas provas complementares, sob a égide do Senhor Presidente do Moto Clube de Lisboa, que alargará o início das actividades da sua Delegação em Montijo.

Com os meus agradeçimentos a V., Senhor Director deste Jornal, a quem a especialidade destes desportos já tanto está devendo pelo apoio prestado nas colunas do seu jornal,

O Delegado,
António Carlos Rodrigues

Columbofilia

Ante perspectiva das próximas eleições para os corpos gerentes das Sociedades Columbótilas

A poucos dias das eleições para os corpos gerentes das colectividades columbófilas, achamos interessante dar alguns conselhos aos bons associados, pois que muitos deles, impensadamente é certo, deixam-se arrastar por elementos altamente perigosos para a vida das colectividades, pelas suas palavras e acções. Nada fazendo, tudo criticando, levam o desânimo aos que durante um ano, quando não em anos e anos sucessivos, prestam a sua valiosa colaboração e dão o seu prestante trabalho a bem da sua colectividade. Trabalhando afincadamente, com prejuízo das suas ocupações profissionais, levando até a carolice ao ponto de sacrificarem a sua família, privando-a de algumas distracções espirituais, têm muitas vezes como paga do seu intenso labor uma mão cheia de desconsiderações. Porque isto não está certo e porque isto tem de acabar, porque a continuar-se assim encontramo-nos a breve trecho privados dos bons dirigentes, é que nos resolvemos a dar bons conselhos aos bons associados:

Não dês ouvidos, não acompanhes, não colabores com os que:

1.º — Nunca cumprem com as disposições vigentes ou o fazem tardiamente.

2.º — Sempre criticam.

3.º — Não concorrem às assembleias e reuniões.

4.º — Murmuram contra os corpos gerentes ou outros associados.

5.º — Nunca aceitam cargos, mas criticam sempre o trabalho alheio.

6.º — Se calam nas reuniões ou assembleias, por, segundo alegam, nada terem a dizer, mas que depois dizem como se devia ter feito.

7.º — Aceitam cargos e os não desempenham cabalmente, obrigando outros colegas a chamar a si os seus serviços para que a marcha da colectividade não sofra os efeitos nocivos do seu desleixo, e por virtude do dito facto conclamam que os colegas armam em ditadores.

8.º — Pagam a sua cotização tardiamente, assim como outros encargos.

9.º — Não se incomodam a procurar outros associados.

10.º — Tratam sempre de levar novos problemas aos que trabalham, mas nunca lhes apresentam soluções.

11.º — Lançam atoardas, ditos, mexericos; enfim, acusações infundadas.

12.º — Têm sempre segredos para contar acerca da conduta ou honorabilidade dos dirigentes.

— Columbófilos! Procedendo de harmonia com os nossos conselhos, colaboras na boa obra e no esforço dos teus colegas a bem da tua Sociedade.

(Do Mundo Columbófilo da Argentina)

Explicações

Todas as Disciplinas do 1.º e 2.º ano do Curso Geral do Comércio

Dactilografia

Traduções e Retroversões:
Francês e Inglês, Técnico — Comerciais

R. Tenente Valadim, 14 - MONTIJO

Concurso de Prognósticos de Futebol

Apuramento dos cupões N.os 1 e 2

N.º 1

Ganharam dois fogões eléctricos avaliados na importância de 200$00, os snrs.

João Francisco de Campos
Comando da P. S. P. — VISEU

Rosendo S. Samoreno
Rua Joaquim de Almeida, 102 — MONTIJO

José Joaquim Pialgata Víctor
Rua Luís Calado Nunes, n.º 42 — MONTIJO

Os dois concorrentes de Montijo poderão levantar os prémios nesta redacção na próxima 5.ª feira dia 11, e ao concorrente de Viseu ser-lhe-á enviado por correio a parte que lhe compete.

Cupão N.º 2

Ninguém acertou em todos os resultados

Prémio para o cupão n.º 4

Ao que acerte em todos os resultados

1.500$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

E agora todos ao Grande Concurso de Prognósticos

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 4

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Oriental	Setúbal	Portimone.	Coruchense
Atlético	Barreirense	Portalegre	Olivais
Belenenses	Torreense	Olhanense	Juventude
Caldas	Académica	Montemor	Almada
Cuf	Benfica	Montijo	Farense
Porto	Sporting	«Os Leões»	Arroios
Lusitano	Covilhã	Estoril	Beja

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

«A Província» **Cupão N.º 4**

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 14

O emprego do fosfato na cultura dos cereais

(Trigo, centeio, cevada e aveia)

(Continuação da página 8)

secundários presentes (ferro, silício, manganês, magnésio, cobalto, cobre, enxofre, etc.).

Graças à sua composição o Fosfato Thomás não tem pràticamente matéria inerte; todos os elementos que o constituem são úteis ao solo, às plantas e aos animais.

Recentes investigações agronómicas permitem afirmar que muitas modificações morfológicas e certas doenças manifestadas nas plantas são provocadas pela deficiência de alguns desses elementos nos solos.

A cal contida no Fosfato Thomás intervém em todas as reacções que se passam no solo: auxilia a decomposição da matéria orgânica e a nitrificação, solubiliza a potassa e outros elementos nutritivos existentes no terreno até então inaproveitáveis pelas plantas, diminui a acidez, modifica vantajosamente a estrutura do solo proporcionando conveniente drenagem e um maior armazenamento de água à disposição das plantas nos períodos críticos.

O Fosfato Thomás favorece o aparecimento das leguminosas espontâneas (trevos, serradelas, etc). e elimina gradualmente ervas que os gados não comem (azedas, margaças, etc). A sua acção sobre o desenvolvimento e melhoramento das pastagens nos pousios é, por isso, importantíssima, pois, se na maioria dos solos destinados à cultura cerealífera a criação de gados constitui uma fonte de receita subsidiária, na maioria das vezes a exploração pecuária é a primeira e principal finalidade das empresas agrícolas.

O Fosfato Thomás é o único adubo fosfo-cálcico, existente no mercado, que convém à maioria esmagadora dos solos do nosso País, na generalidade pobres em fósforo e cal.

Como se emprega o Fosfato Thomás

Devido às características particulares que referimos, o Fosfato Thomás pode ser incorporado com a terra em qualquer período do ano sem inconveniente.

Há no entanto vantagem em que a sua incorporação com a terra se faça na altura do último ferro do alqueive.

Nas revoltas do trigo, milho, ou de leguminosas (grão, fava, etc.) é mais vantajoso espalhar o adubo sobre o restolho para o enterrar ao mesmo tempo que este.

Se qualquer motivo imprevisto impedir que se adube nessas ocasiões, pode espalhar-se o Fosfato Thomás em cima da terra lavrada e incorporar-se com uma forte gradagem, ou até, se for necessário, na própria altura da sementeira.

Do Minho ao Guadiana

Baixa da Banheira

(Alhos Vedros)

— *Ruas em mau estado* — Com o efeito das primeiras chuvas torrenciais que há poucos dias aqui caíram, encontram-se quase em geral e em estado lastimável, as ruas desta localidade. E na verdade, algumas quase intransitáveis. Pedem-se as necessárias e urgentes providências à Ex.ma Câmara Municipal da Moita.

— *Aniversários* — Em 29 de Setembro findo, passou o seu 67.º aniversário natalício o sr. João Aleixo, mui digno feitor da Quinta do Sande (Galego) em Évora, pai querido do correspondente deste jornal nesta localidade.

—Também em 30 de Setembro, completou as suas 24 risonhas primaveras o menino Bernardino José Santinho Pousadas, filho do nosso compadre e estimado amigo sr. José Santinho. Os nossos muitos e muitos sinceros parabéns.

— *Falta de habitações* — Embora continue com grande desenvolvimento a construção civil nesta localidade, desde há alguns meses a esta parte que se nota cada vez mais uma grande falta de habitação. Quem poderá resolver este grave problema? — (C.)

Fundão

— Foi recebido com agrado no Fundão o suplemento de «A Província», MOTO *Jornal*. Fazemos votos para que a aceitação do mesmo seja justificadamente compensada, porque era nitidamente notório que fazia falta uma publicação no género e merecem carinho e compreensão iniciativas idênticas que só carecem o devido apoio do público, no entanto tantas vezes recusado.

— Como é sabido, este ano, àparte aos afortunados que puderam frequentar as praias, o verão, mormente no interior do país não chegou a dar um arzinho de autêntico estio. Nestas paragens serranas pode dizer-se mesmo que não chegou a haver uma semana inteira de calor. Por isso mesmo e por diversos factores, a atracção número um do Fundão nesta época, e de que os fundanenses se orgulhavam, a piscina, pode considerar-se em declínio.

Nota-se a falta de frequência do público, não se sabe se por indeferentismo, por não constituir já novidade (mas devia acontecer precisamente o contrário), se em parte também por continuar uma disfarçada separação seleccionadora, nos fins de semana.

E porque não um preço uniforme todos os dias, talvez com excepção do domingo, mas mesmo assim um pouco superior apenas? Será para que venham cá os forasteiros vizinhos? Mas eles quase já não vêm e a piscina deve ser sobretudo destinada ao Fundão presente e futuro, e os fundanenses não se envergonham perante estranhos...

Pegões

(Foros da Craveira)

— Vai ser inaugurado em breve o Posto Escolar, desta localidade, para o qual o nosso prezado assinante, sr. António Ferreira Moreira, — cedeu uma sua moradia e a Câmara Municipal de Montijo ofereceu todo o mobiliário.

O sr. Director Escolar visitou o edifício e prometeu a construção dum novo, em virtude do actual ser provisório e de deminutas dimensões para a actual população escolar.

Há o maior entusiasmo por esta inauguração, visto que este melhoramento vem trazer incalculáveis benefícios às crianças e famílias dos Foros da Craveira.

— Entre as várias aspirações dos povos deste sítio, há uma principal, que a todos se impõe pela sua enorme importância: a construção duma estrada que da estação dos caminhos de ferro de Pegões fosse entroncar na que segue para Vendas Novas. Eram perto de 5 quilómetros de estrada que vinham beneficiar mais de 90 rendeiros dos Foros da Craveira do norte e do sul, além da restante população. A actual azinhaga de areia, intransitável, de difícil acesso, já se não coaduna com a importância e necessidades da localidade. (C.)

Nazaré

(Rancho Tá-Mar)

— Em meados do próximo mês de Outubro, o valoroso Rancho Folclórico Tá-Mar deverá partir para Saragoça, aonde, numa estadia de 4 dias, levará o soberbo tipismo da Praia da Nazaré em seus cantares e danças tão cheios de alegria e misticismo e nos trajos do mais harmonioso colorido. Será esta mais uma brilhante página de propaganda do nosso folclore, pelo qual muito pròpriamente se diz ser hoje a Nazaré o Cartaz de Portugal.

Pesca Desportiva

Realiza-se no próximo 30 do corrente a última prova do Campeonato de Pesca Desportiva do C. A. P. da Nazaré, para que foram já apurados os campeões de Fundo e de Bóia, cabendo os respectivos títulos a Inácio Borges do Carmo e Fernando da Silva Moreira de Lima.

— Também por iniciativa do C. A. P. da Nazaré, que já atingiu o interessante número de 200 sócios, foram lançados à água dois barcos de pesca e recreio, um de pequenas dimensões, a remo, para o rio, outro a motor, para a pesca grossa. Este último tem o especial valor de ser o primeiro barco de pesca do alto mandado construir por um clube em Portugal.

Arte

— Eterno motivo para a criação na Arte, a Nazaré atinge, num admirável crescendo de procura, o ponto culminante da sua atracção, sobretudo por parte de pintores. Neste momento encontram-se ainda em plena actividade, sôfrega actividade de colher os frutos sempre maduros da árvore do seu caractericismo, os pintores Correia de Morais e Belo Marques, portugueses, e E. Menion, de nacionalidade belga, em *stand* ao ar livre, porta aberta ao mar imenso e ao atrevido Promontório de S. Miguel.

N.º 25 Folhetim de «A Província» 4-10-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Logo que obteve estas informações, o sr. Morais traçou o seu plano:

— Mulher com «dor de cotovelo» era mulher a caminho da queda. A questão estava na habilidade das operações.

E ele, que se prezava de conhecer as mulheres e saber «trabalhá-las», iniciou o ataque.

Fez-se encontrado com o irmão e meteu conversa:

— Então que fazes, rapaz?

Ele amuara, envergonhado, de olhos no chão.

— Em que te empregas, não ouves?

Perante a insistência, ele resmuneou:

— Ora... pràí... Não tenho que fazer...

— Isso não é vida, rapaz! — sentenciou como protector.

Estás um homem e precisas de trabalhar para ganhares dinheiro. Vai amanhã até as obras, pergunta por mim e vamos a ver o que se pode arranjar. Ouviste?

— Sim, mê senhor.

E nessa tarde, em casa da Ermelinda, não se falou noutro assunto. A mãe e o rapaz estavam contentes. Era a esperança que nascia, previam a vida melhorada e muitas dificuldades vencidas. Já faziam contas ao provável salário e fantasiavam modificações no lar e nas indumentárias.

Só ela, a Ermelinda, sem bem saber porquê, talvez com aquele sentido próprio do sexo e da juventude, estranhara o caso e desconfiava de tanta generosidade. Ouvira dizer como os moços da aldeia tinham sido repudiados quando iam pedir trabalho à fábrica em construção; e ainda não se esquecera daquele olhar com que o sr. Morais a perturbara, daquela vez que a encontrara perto da loja do João Carapinteiro.

Parecia, — lembrava-se muito bem — que ele a despira toda com os olhos, da cabeça aos pés, e que depois a trespassara na pele como brasa viva! Nunca nenhum homem a fitara assim, com tamanho desejo e provocação.

Na rápida passagem dum pelo outro, ela *sentira* naquele olhar a intenção sensual do macho cuja carne freme e bate à aproximação da fêmea. E embora na aldeia não fosse costume essa exteriorização da «besta humana», ela, como mulher, percebera perfeitamente o que ele lhe queria significar quando a fixara.

Por estas impressões, ao ver a alegria da mãe e do irmão, entristeceu. O instinto dizia-lhe que era por sua causa que o irmão se empregaria nas obras, ao contrário do que acontecera a tantos outros nas mesmas condições quando ali pediam trabalho.

— Ao outro dia o rapaz apresentou-se.

O sr. Morais recebeu-o com amabilidades e graçolas, disse-lhe do seu contentamento por não ter faltado, e logo o indicou ao «mestre» dos pedreiros:

— Este rapaz fica ao seu serviço, ouviu? Dê-lhe trabalhos leves e trate-o bem que ainda é meu parente...

E o «mestre» assim cumpriu.

Nos primeiros dias o sr. Morais fingia não o ver, passava de largo e olhava de esconso; mas, ao «despegar», sabia informações pelo mesmo:

— O rapaz era desembaraçado e humildoso. Entendia todas as ordens e não se metia à toa com a «malta». Tinha outra *inducação*, claramente...

E o sr. Morais rejubilava.

Ao sábado meteu-o na folha com salário regular e prometeu-lhe «aumento», se assim continuasse.

Quando o rapaz apareceu em casa com a jorna semanal, foi um acontecimento!

Entregou à mãe a jorna por inteiro, e os dois, muito contentes, faziam planos futuros de «mercas» na feira próxima.

(CONTINUA)

Página Agrícola

N.º 1 — Organizada por *Luís Bonitácio*

Projectos para esta página

Com a colaboração desinteressada dos Serviços Agronómicos do Fosfato Thomás damos hoje aos nossos leitores a primeira página agrícola, *que nos parece do maior interesse para os lavradores desta região.*

Esperamos que agrade, para assim continuarmos a servir uma causa do maior interesse para a Nação.

Nas próximas páginas falaremos da adubação dos cereais, das oliveiras, do arroz, do milho e de algumas considerações sobre a campanha das calagens — trabalhos esses baseados em estudos dos eng.os agrónomos Mário Vieira de Sá, João Marques de Almeida, director do jornal «Vida Rural», Manuel Vianna e Silva e ainda das obras belgas: «O Fosfato Thomás na Silvicultura» e «O Fosfato Thomás na agricultura, horticultura e Piscicultura».

Connosco colabora também o jornal «Vida Rural», com a cedência de trabalhos publicados e gravuras do seu magnífico arquivo.

Luís Bonifácio

Neste mês de Outubro...

Adagiário: — «Por S. Francisco, semeia teu trigo».

Agenda: — Os trigos recebidos em pagamentos autorizados por lei devem ser manifestados até ao dia 15. A produção de trigo deve ser manifestada até 10 dias após a colheita e nunca além do dia 15.

Até aos dias 5 e 20 de cada mês, os proprietários de máquinas debulhadoras devem declarar em impressos fornecidos pelas Câmaras Municipais, as quantidades dos cereais debulhados na quinzena anterior.

Dia 31 — Termina o prazo para proceder ao manifesto estatístico — através da Junta Nacional do Vinho — da produção vinícola.

De 1 de Out. a 31 de Dez. — Os produtores terão de efectuar — por intermédio dos regedores das freguesias onde realizarem as culturas — o manifesto para o I. N. E., das colheitas seguintes: milho de sequeiro e regadio, feijão de sequeiro e regadio, batata de regadio.

Trabalhos agrícolas: — Começam as lavouras de sementeira do trigo, cevada, centeio e aveias. Continua a sementeira das favas. Abrem-se as valas de escoamento das águas superficiais.

O emprego do fosfato na cultura dos cereais

(Trigo, centeio, cevada e aveia)

O Fosfato é um adubo fosfatado alcalino de efeitos rápidos e duradoiros.

É de efeitos rápidos porque a extrema finura, com que se apresenta actualmente, torna-o fàcilmente solúvel nos ácidos do solo, no anidrido carbónico e nos sucos celulares segregados pelas raízes. O Fosfato Thomás actua imediatamente desde que seja misturado com o solo (Vagner e Dr. Gericke).

É de efeitos duradoiros porque não é arrastado pelas águas das chuvas ou de drenagem e não sofre na terra alterações que o tornem inassimilável pelas plantas, como sucede com outros adubos fosfatados sujeitos ao fenómeno denominado «retrogradação».

Um e outros efeitos garantem ao agricultor a máxima utilidade nos períodos em que a sua intervenção se torna mais necessária, ou seja no desenvolvimento das raízes e na granação; auxilia o crescimento, aumenta a resistência às geadas e à acama, o rendimento e qualidade do grão, e apressa a maturação.

A acção fertilizante do Fosfato Thomás evidencia-se não só pelo seu alto teor em fósforo (18 a 20 %) como também pela elevada quantidade de cal activa e elementos

(Continua na página 7)

Pequena história da batata doce

Desconhece-se ainda hoje qual a primitiva pátria da batata doce, pois em nenhum país, tanto do Velho como do Novo Mundo, foi encontrada no estado selvagem.

Alguns autores, De Condolle á frente, supõem que ela seja originária da América; outros atribuem-lhe uma origem Africana; e outros ainda, uma origem asiática. A opinião de De Candolle parece prevalecer.

Segundo Gomora, citado por Humbeldt e Bonfland, Cristóvão Colombo, quando regressou da América e se apresentou pela primeira vez perante a rainha D. Isabel, entre outros produtos ofereceu-lhe algumas batatas doces. Rumphius afirma categòricamente que os espanhóis a levaram da América para Manilha e para as Molucas, donde os portugueses, por sua vez, a levaram, vulgarizando-a no arquipélago indiano, diz-nos o Prof. Bois.

Seja qual for a sua origem, o certo é que a batata doce (*Convolvulus Batatas*, L.) se cultiva hoje em muitíssimos países. Em Portugal a sua cultura data da segunda metade do século XVI, e tem como solar principal a província do Algarve. Nos Açores, a cultura reveste uma extraordinária importância sob o ponto de vista industrial, pois, como Jumelle afirma no seu livro *Les Plantes à tubercules alimentaires*, publicado em 1910, na ilha de S. Miguel existem três fábricas de destilação que produzem, em média anual, sete a oito milhões de litros de alcool que é exportado para Lisboa.

Todas as variedades que presentemente se cultivam no globo podem reunir-se em 3 grupos, segundo as variedades dos tubérculos, o volume, a forma, a côr, o rendimento, etc.:

a Tubérculos muito farinhentos, de polpa creme ou amarelada, de fácil conservação;

b) Tubérculos mais aquosos, muito açucarados, xaporosos após a cozedura, de difícil conservação;

c) Tubérculos volumosos, de grande rendimento, medíocres, mais próprios para a alimentação de animais.

O primeiro grupo encerra as melhores variedades e, entre elas, a *batata dourada dos Açores*, considerada pelo dr. Trabut como uma variedade digna de ser propagada na Argélia. Diz ele que os tubérculos são muito desenvolvidos, uns curtos e subglobosos, outros alongados, e que se confundem muito com a batata de Málaga.

A batata doce constitui um excelente alimento que todos os estômagos, mesmo os mais fracos, suportam bem, convindo, por isso, tanto às crianças como aos velhos, tanto aos doentes e convalescentes como àqueles que gozam boa saúde, podendo utilizar-se cozida em banho-Maria, assada, em doce, ou, ainda, em muitas das formas empregadas no consumo da batata vulgar.

As folhas podem comer-se preparadas como os espinafres, quando novas; os ramos, por sua vez, constituem uma boa forragem que todos os animais comem com apetite e que deve dar-se, de preferência, às vacas leiteiras.

Arroz

O Fosfato Thomás é espalhado na terra do arrozal onde se faz a plantação definitiva, antes da última lavoura ou gradagem de nivelamento ou ontes do alagamento. Constitui uma excelente reserva de ácido fosfórico para o arroz, ao abrigo de toda a perda por efeito das águas de irrigação.

A composição do fosfato

O Fosfato Thomás é produzido pela fusão, a uma temperatura muito elevada, de minérios de ferro ricos em fósforo, sem qualquer intervenção de ácidos.

É um fosfato básico, vendido sob a forma de pó fino, muito seco e pesado, de côr cinzenta mais ou menos carregada e sem cheiro.

É fornecido em sacos de juta regulados a 100 quilos, ou em sacos de papel para 50 quilos.

Um saco de cem quilos de Fosfato Thomás contém:

16 a 22 % de ácido fosfórico; 45 a 55 % de cal combinada e livre; 10 a 12 % de ferro; 8 a 10 % de silício e enxôfre; 2 a 5 % de magnésio; 4 a 5 % de manganês, cobalto, cobre, etc.

Todos estes elementos secundários, tão úteis às plantas como ao solo, nada custam ao cultivador, quer como preço de compra, quer como despezas de transporte e de aplicação sobre os campos, visto que o preço do adubo é calculado exclusivamente segundo o seu teor em ácido fosfórico.

Quantidade de fosfato Thomás a utilizar por hectare:

	Quilogramas
Cereais praganosos	300 a 500
Milho	400 a 500
Mandioca	200 a 300
Feijão	300 a 400
Amendoim	200 a 300
Soja	200 a 400
Culturas horticolas	800 a 1.000
Arroz	400 a 600
Cana de açúcar	400 a 800
Árvores de fruto, oliveiras	300 a 600
Bananeira	300 a 600
Cafèzeiro	300 a 500
Vinhas	300 a 500
Algodoeiro	200 a 500
Tabaco	400 a 600
Prados	800 a 1.000

Viveiros de Arroz